

CAPÍTULO UM
O ROMANCE MACHADIANO E A SOCIEDADE
BRASILEIRA DO SÉCULO XIX:
UMA ANÁLISE DA FIGURA DO HERDEIRO
EM *RESSURREIÇÃO* E *MEMÓRIAS PÓSTUMAS*
DE BRÁS CUBAS

LUIZ ANTONIO INÁCIO DA SILVA
Doutorando em Literatura e Práticas Sociais
Universidade de Brasília
E-mail: luiz.silva@edu.se.df.gov.br

DOI [10.56372/desleiturav12i12.181](https://doi.org/10.56372/desleiturav12i12.181)

Resumo: Este artigo propõe-se a analisar as imbricações entre literatura e sociedade na obra de Machado de Assis a partir do conceito de redução estrutural de Antonio Candido. O fio condutor da investigação será a figura do herdeiro nos romances *Ressurreição* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e sua relação na sociedade brasileira com as camadas populares e com seus pares. No decurso da pesquisa, objetiva-se ainda a compreensão das origens do gênero romanesco no Brasil, as inovações literárias empregadas pelo escritor que diferem *Ressurreição*, seu romance inaugural, de *Memórias Póstumas*, o primeiro romance da chamada segunda fase do autor, e o estabelecimento de um panorama da sociedade brasileira do século XIX, traçando-se as suas contradições. A metodologia de investigação adotada é a crítica literária dialética. O artigo será dividido em análise das origens do gênero romanesco, estudo comparativo das diferenças entre os romances constituintes do *corpus*, investigação da figura do herdeiro no Brasil do século XIX a partir dos romances e discussão dos resultados.

Palavras-chave: Machado de Assis. Herdeiro. *Memórias Póstumas*. Romance

Abstract: This article aims to analyse the possible relations between literature and society in Machado de Assis due to the concept of “structural reduction” developed by Antonio Candido. The main topic is the inheritors on the novels *Ressurreição* and *Memórias Póstumas de Brás Cubas* and the relation between the inheritors and Brazilian society, especially with the lower class and the dominant class. In this research, it will be investigated the literary innovations the author resorted in *Ressurreição*, his first novel, and *Memórias Póstumas*, the first novel of Machado’s second phase. This article aims also to establish a panorama of nineteenth-century Brazilian society, showing its contradictions. The methodology of investigation is the dialectical literary criticism. The article will be divided into analysis of the origins of the novels as a literary genre, a comparative study about the differences between the two novels; investigation of the inheritor in the nineteenth century in Brazil and discussion of the results.

Keywords: Machado de Assis. Inheritor; *Memórias Póstumas*. Novel

INTRODUÇÃO

A proposição de um artigo sobre a produção literária de um dos maiores escritores em língua portuguesa traz uma responsabilidade dupla: lançar luz sobre um aspecto de sua obra sem cair nas peraltagens da pena de galhofa e melancolia; contribuir com a vasta fortuna crítica que se consolidou a respeito de Machado ao longo das décadas nas universidades brasileiras. A primeira das responsabilidades diz respeito à leitura e recepção da crítica, especialmente de seus contemporâneos. Dentre esses, destacam-se as ferrenhas notas de Sílvio Romero, nome de destaque entre os intelectuais egressos do círculo de Recife. O crítico sergipano publicou o livro *Machado de Assis. Estudo comparativo de literatura brasileira* no qual se dedicou a analisar a obra do autor carioca, mas a partir de uma perspectiva curiosa: comparando-o (confrontando-o, na verdade) ao contemporâneo Tobias Barreto. Ressalta-se que a produção literária de Barreto girou em torno da poesia, gênero pelo qual Machado ficou menos conhecido do que pela escrita em prosa. Em seu estudo, Romero por vezes “acusa” Machado de Assis de não tratar de temáticas propriamente brasileiras - leia-se trazer as temáticas raça e meio para os romances-, buscando, no lugar, desenvolver uma temática e um estilo supostamente importados.

A tese de Sílvio Romero sobre Machado foi contestada por outros críticos do mesmo período. Todavia, é à luz da crítica posterior que a capacidade de diálogo entre universal e local nos romances machadianos foi compreendida. À primeira vista, os temas sociais parecem não ter relevância na obra devido à minuciosa atenção empregada em cada frase lançada nos romances, que gera um efeito estético imediato. Com isso, os jogos de linguagem, as figuras de pensamento, acabam se destacando. Roberto Schwarz evidencia que o estilo de escrita machadiano requer um afastamento para que se possa depreender além do primeiro plano e se observar o panorama geral sobre a estrutura social brasileira. Assim, no exercício do afastamento começa-se a perceber que as relações constituídas entre os personagens no interior do

romance dialogam com a realidade do Brasil no final do século XIX e início do século XX, podendo-se estender ao período hodierno (Schwarz, 2008).

Neste artigo, propõe-se a análise da relação entre literatura e sociedade a partir das obras de Machado de Assis. O caminho percorrido será inicialmente uma contextualização histórica do gênero romanesco e sua consolidação em solo nacional. Na sequência, o corpus se constitui de dois romances do escritor: *Ressurreição*, o seu romance inaugural, cujo protagonista é o *bon vivant* Dr. Félix, figura conhecida nos círculos cariocas, herdeiro e que nunca precisou efetivamente exercer a medicina; o segundo romance, amplamente conhecido, faz parte da chamada segunda fase de Machado de Assis, na qual as narrações passam a ser em terceira pessoa. Nele, o defunto Brás Cubas, um narrador herdeiro, conta suas desventuras durante a vida, revelando de forma irônica traços da elite brasileira colonial e escravagista. Buscar-se-á a análise da figura do herdeiro nas obras machadianas a partir da noção de redução estrutural de Antonio Candido, possibilitando, dessa maneira, observar os efeitos estéticos da mudança de plano narrativo entre *Ressurreição* e *Memórias*, bem como relacionar essas figuras à realidade social brasileira do século XIX, na qual o filho-família era um personagem constituinte da elite brasileira.

O ROMANCISTA NA AMÉRICA LATINA

O romance é hoje incontestavelmente considerado um gênero literário de prestígio, uma linguagem artística que permite inúmeras experiências. Inclusive, no panorama literário brasileiro, o grande expoente Machado de Assis adquiriu sua envergadura devido à escrita em prosa, nos romances e contos. Todavia, as produções romanescas não obtiveram de imediato o status que possuem na contemporaneidade e, ao se tratar da América Latina, o quadro foi ainda mais adverso. No início da consolidação da lógica burguesa, na Europa, esse gênero detinha má reputação, uma vez que as obras que não figuravam os moldes do cânone clássico - épico, lírico ou dramático - eram consideradas de menor valor ou

não artísticas. Por essa razão, o romance só veio a ser pensado enquanto teoria, ainda que de forma embrionária, a partir do século XIX. Ademais, a paulatina preferência da prosa em detrimento ao verso documenta as transformações sociais ocorridas nos últimos séculos, sobretudo a partir do século XVIII com o advento do capitalismo e início da circulação de livros na Inglaterra e França. Esse argumento é sustentado em *A Teoria do Romance*. Lukács pormenoriza as distinções capitais entre a epopeia e o romance: “seria superficial e algo meramente artístico buscar as características únicas e decisivas das definições do gênero no verso e na prosa” (Lukács, 2000, p. 55). A epopeia ser organizada em versos possibilita e reforça o caráter de totalidade da vida fechada, enquanto o romance busca desvelar aquilo que é cotidiano, trivial, oculto da vida. Para além da estruturação, as personagens da epopeia e do romance são constituídas de maneiras e pretensões distintas.

Lukács aponta que nas teorias do romance esboçadas no século XIX, ainda que inconscientemente, há um princípio com frequência externado: a impossibilidade de se representar no âmbito da narrativa romanesca um conceito denominado “herói positivo”, pertencendo somente ao gênero épico. Embora o romance compartilhe com a epopeia a necessidade de ações e personagens para mover a narrativa, as ações do herói da epopeia não poderiam ser pensadas de forma isolada às normas e valores estabelecidos em seu mundo, logo, a individualidade não teria espaço nas narrativas épicas (Otsuka, 2010). No romance, em contraponto, Lukács sinaliza que na sociedade burguesa há a quebra entre a individualidade e o todo ético. O homem passa a ter objetivos diversos e condições subjetivas, respondendo, portanto, por suas ações, e não por aquelas do todo substancial. A moralidade passa a ser individual, o que leva geralmente o *herói negativo* ao descompasso em relação ao mundo também decadente.

Observa-se nas narrativas épicas e no romance, que as particularidades de um povo ou de uma sociedade são reveladas ao se acompanhar a trajetória do personagem ao longo da obra. Contudo, Lukács a partir de Marx, assinala uma diferença significativa entre os dois gêneros: na epopeia, a ação é uma luta de uma socie-

dade unida contra um inimigo externo, enquanto no romance, por representar as tensões existentes na sociedade burguesa, cada indivíduo representa um papel na luta de classes (Lukács, 2009, p. 210).

A compreensão histórica das forças motrizes dos séculos XVIII ao XX auxiliam na compreensão dos fatores que levaram o gênero romanesco a se consolidar como a forma literária em maior circulação. Aliás, a discussão a respeito da origem do gênero romanesco como concebido atualmente é atravessada pela discussão a respeito das tensões próprias da sociedade capitalista.

As mudanças das narrativas épicas para as formas romanescas convergem, paulatinamente, com a mudança da mentalidade e, sobretudo, de organização social. O advento do capitalismo modificou todos os aspectos referentes à organização da sociedade, especialmente no que diz respeito ao apelo pela individualidade do ser. Nesse sentido, o romance, a narrativa que se ocupa da experiência privada, se sobressai como gênero da sociedade burguesa.

Na América Latina, o romance se desenvolve como um gênero transplantado. Das primeiras produções até o reconhecimento da autenticidade e peso dos escritores deste continente, um longo caminho foi trilhado. Ángel Rama aponta o subdesenvolvimento econômico como um dos principais motivos do *atraso* em relação à Europa: o romancista latino-americano, salvo poucas exceções, não conseguia viver exclusivamente de suas criações literárias (Rama, 2001). Assim, para que o escritor pudesse suprir suas necessidades materiais, seria necessário ter uma ocupação principal, deslocando o fazer literário para um segundo plano, uma “atividade de domingo”. Nesse sentido, Sérgio Buarque de Holanda enfatiza em *Raízes do Brasil* que as atividades profissionais no país, e na América Latina como um todo, seriam “meros acidentes na vida dos indivíduos” (Holanda, 1995, p. 156). Não raro, um profissional deixaria de atuar em sua área de formação para ocupar um posto no funcionalismo público, no militarismo ou no governo sem exercer efetivamente os conhecimentos adquiridos durante sua graduação. Seu objetivo, portanto, não seria a execução de um determinado ofício, mas a busca pelos postos mais rendosos e socialmente vistosos.

No caso dos escritores, uma ocupação que pudesse lhe permitir tempo e energia para as letras.

O próprio Machado de Assis construiu a vida como funcionário público. Aliás, a biografia do escritor fluminense foi um ponto fora da curva. Diferindo-se do que alguns biógrafos pretendiam forçar, sobretudo no que se refere a questões raciais e ao problema nervoso, Antonio Candido enfatiza que Machado teve uma vida plácida, sem maiores evidências inclusive de que sua cor pudesse ter sido motivo de desprestígio entre os pares (Candido, 1995). O que efetivamente pesou para o reconhecimento tardio de Machado de Assis fora do país, ainda que por volta dos sessenta anos já detivesse o status de maior escritor brasileiro, foi uma questão linguística. Dentre as línguas ocidentais, o português detinha menor influência e prestígio. Candido afirma que Eça de Queirós partilhou do mesmo destino de Machado, embora ambos produzissem literatura do mesmo nível que os pares franceses e ingleses.

A circulação das obras - e de livros no geral - no século XIX e início do século XX restringia-se sobretudo a grupos que compunham uma pequena elite cultural. Os encontros costumemente ocorriam nas confrarias e nos clubes, espaços na qual os grupos de intelectuais discutiam teorias e tendências advindas da Europa. Esse espaço era importante também para que os membros divulgassem os seus trabalhos. O escritor, ao fazer parte do seletos grupo, detinha uma dupla missão: produzir literatura e consumir aquilo que os seus pares produziam. Os perfis das pequenas elites sofreram transformações com as mudanças sociais e políticas percebidas não apenas na América Latina, mas no mundo. Holanda apresenta o perfil da elite intelectual que imperava no Brasil até o início do século XIX, na qual a figura do *bon vivant* era um personagem central.

Porque com o declínio do velho mundo rural e de seus representantes mais conspícuos essas novas elites, a aristocracia do “espírito”, estariam naturalmente indicadas para o lugar vago. Nenhuma congregação achava-se tão aparelhada para o mister de preservar, na medida do possível, o teor essencialmente aristocrático de nossa sociedade tradicional como a das pessoas de imaginação cultivada e de leituras francesas (Holanda, 1995, p. 164).

No mesmo sentido das observações de Ángel Rama, Antonio Candido assinala que a baixa circulação de obras na América Latina se dá em grande parte pelo fato de os países colonizadores serem marcados por “atrasos culturais” em relação aos países da vanguarda europeia, como França e Inglaterra. O acesso à “*alta cultura*” no Brasil ficou restrito a pequenos grupos, enquanto a maioria da população seguia analfabeta e sem acessos a bens culturais - o crítico usa o termo “incivilidade”. Ademais, Candido reconhece o vínculo placentário entre a literatura brasileira e a europeia. As inovações literárias em terras tupiniquins - e na América Latina como um todo - eram importadas das potências literárias ocidentais. A defesa de que a América Latina retroalimentaria a Europa - tese largamente difundida em relação ao realismo mágico - não seria exatamente precisa (Candido, 1989). O uso dessas técnicas poderia ser inovador em países europeus menos desenvolvidos a exemplo de Portugal e Espanha, porém o monólogo interior, as elipses, entre outras, remontam a experimentação franco-inglesa. Isso não diminui a engenhosidade ou o mérito dos escritores latino-americanos, que souberam transplantar e afiar essas técnicas para pensar o seu conjunto temático. Esses esforços fazem parte da tomada de consciência e perspectiva de urgência dos intelectuais do continente.

Na fase de consciência de país novo, correspondente à situação de atraso, dá lugar sobretudo ao pitoresco decorativo e funciona como descoberta, reconhecimento da realidade do país e sua incorporação ao temário da literatura. Na fase de consciência do subdesenvolvimento, funciona como presciência e depois consciência da crise, motivando o documentário e, com o sentimento de urgência, o empenho político (Candido, 1989, p. 161).

Frente à consciência do subdesenvolvimento, Candido aponta que um segundo regionalismo surgiu, ao qual conceitua “super-regionalismo”, cujos representantes seriam escritores como Guimarães Rosa, Juan Rulfo e Vargas Llosa, que conseguiriam repensar o nativismo aliado ao refinamento técnico na utilização do absurdo, monólogos interiores, elipses, entre outras, resultando em obras literárias que mantêm a identidade latino-americana

e estão na prateleira da literatura universal ao lado dos grandes nomes europeus.

O caso destoante na experiência brasileira do século XIX é Machado de Assis. Diferente de seus pares no país e no continente, a prosa do escritor era voltada a questões urbanas - um dos motivos das querelas com Silvio Romero. Todavia, o escritor fluminense não buscou reproduzir as discussões europeias sobre a vida urbana. Seu olhar se voltou às contradições da sociedade brasileira, no qual a exploração - de escravos e de empregados livres - era o pilar econômico, sem perder de vista o caráter universal.

OS DOIS MACHADOS: OS CASOS *RESSURREIÇÃO* E *MEMÓRIAS PÓSTUMAS*

Este foi o meu primeiro romance, escrito aí vão muitos anos. Dado em nova edição, não lhe altero a composição nem o estilo, apenas troco dois ou três vocábulos, e faço tais ou quais correções de ortografia. Como outros que vieram depois, e alguns contos e novelas de então, pertence à primeira fase da minha vida literária

[Machado de Assis]

As obras escolhidas para a composição do *corpus* remetem a dois períodos distintos da ficção machadiana. *Ressurreição*, seu romance inaugural, publicado em 1872. O estilo que o consagrou não estava plenamente realizado na obra inaugural. Na verdade, se o havia, encontrava-se em estágio embrionário. A crítica costuma associar as primeiras produções em prosa de Machado ao romantismo. Todavia, Roberto Schwarz observa que em *Ressurreição*, *Helena* e outros romances da primeira fase, não há o predomínio das generalizações libertárias, de um ideário voltado aos direitos individuais dos homens nem indícios de revolta social (Schwarz, 2007). Machado de Assis buscou não se vincular aos princípios do realismo à moda europeia. Para tal, havia a escolha consciente de não aludir às discussões contemporâneas. Na ope-

ração da negativa do temário social, os quatro romances da fase inaugural voltavam-se a exames estéreis das temáticas propostas. Em *Ressurreição*, é possível se rastrear uma gênese da investigação machadiana sobre o ciúme que culminou em *Dom Casmurro*, porém a discussão acaba se voltando menos para as implicações sociais e filosóficas do casamento no século XVIII e focando-se na indecibilidade do protagonista Dr. Félix.

No concernente à estrutura, *Ressurreição* possui um narrador em terceira pessoa, que alterna entre a onisciência - ao descrever os acontecimentos, intenções e condições psicológicas dos personagens - e uma retórica indagativa sobre as ações dos personagens: “[...] teria esta última ideia entrado no espírito de Félix, ao contemplar a magnificência do céu e os esplendores da luz?” (Assis, 1905, p. 2). Em alguns momentos da narrativa, as indagações dão espaço a juízos moralizantes sobre as condutas adotadas pelos personagens. Esse traço do narrador fica nítido no parágrafo de fechamento da obra, ao discursar sobre as escolhas do protagonista.

Dispondo de todos os meios que o podiam fazer venturoso, segundo a sociedade, Félix é essencialmente infeliz. A natureza o pôs nessa classe de homens pusilânimes e visionários, a quem cabe a reflexão do poeta: “perdem o bem pelo receio de o buscar”. Não se contentando com a felicidade exterior que o rodeia, quer haver essa outra das afeições íntimas, duráveis e consoladoras. Não a há de alcançar nunca, porque o seu coração, se ressurgiu por alguns dias, esqueceu na sepultura o sentimento da confiança e a memória das ilusões (Assis, 1905, p. 80).

As conclusões do narrador diferem-se bastante do estilo machadiano pós 1880. Se na segunda fase os narradores operam por meio da sugestão, da volatilidade dos discursos, dos jogos de palavra e figuras de pensamento e da ironia demoníaca, no trecho supracitado nota-se que em *Ressurreição* o narrador machadiano define o personagem, seu estado psicológico e destino, sem lhe dar a possibilidade de ser ambíguo, traço característico dos personagens da segunda fase.

Em 1881, o lançamento de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* marca a chamada segunda fase do autor. Uma - e talvez a - diferença capital entre as duas fases machadianas consiste na re-integração do temário liberal, das doutrinas sociais, da vida social, o olhar integrativo entre a realidade social brasileira e as novas tendências mundiais (Schwarz, 2008).

Na segunda fase machadiana, registra-se uma alternância entre perspectivas, na qual se desenha os sistemas de valores dentro da sociedade brasileira. Roberto Schwarz define a prosa do escritor como um espetáculo histórico-social complexo, que se acessa à medida em que o leitor distancia-se do efeito estético imediato causado pela construção de frases que isoladamente desdobram-se em questões outras. O exercício de distanciamento dessa primeira *camada* possibilita a compreensão das relações entre ficção e realidade social no âmbito da prosa machadiana. A esse respeito, Antonio Candido desenvolveu o conceito de redução estrutural, o trabalho do escritor de apropriação e transformação de elementos externos em matéria artística. Ressalva-se que o objetivo do crítico nunca foi transformar o objeto literário em um mero documento histórico, mas depreender as relações entre as formas estetizadas e internalizadas no âmbito literário face ao local e período no qual a obra foi produzida e circula, uma vez que o autor é um sujeito-histórico e, por consequência, em seu texto haverá marcas de seu estar-no-mundo.

Em *Memórias Póstumas*, a narrativa joga com o absurdo ao ter como narrador um defunto, que pela natureza de seu estado, desdobra-se no campo ético a possibilidade de tudo dizer, uma vez que as amarras sociais e a preocupação com seu status perante os pares se dirimiu. A escolha de um narrador defunto ou um defunto narrador que conta as suas experiências em vida é uma forma de dar vazão pelas frestas, pela ironia destronadora, a estilística que também é própria da sociedade brasileira do século XIX, um país formado e sustentado através da exploração do trabalho escravo e no reforço das ideias eugenistas de superioridade

do homem branco, da mescla entre ignorância, perversidade e necessidade de estratificação social para manutenção dos privilégios enquanto se considera *avant la lettre*.

O ácido exame de Machado de Assis em *Memórias Póstumas* não se limitou ao panorama social brasileiro e seus tipos, mas há um jogo com a tradição literária universal e uma sátira das correntes filosóficas que marcaram o século XVIII e o século XIX. O prólogo, assinado pelo próprio narrador, já traz indícios da forma como a tradição será tratada ao longo do romance e, de maneira adicional, forma-se uma imagem do olhar que um Brás Cubas - aqui utilizado como arquétipo da elite brasileira - tem sobre a sua própria importância.

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte e, quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio (Assis, 1994, p. 1).

No prólogo de *Ressurreição*, Machado menciona o bardo, influência direta que pode ser constatada no tom otelesco da narrativa cuja temática é o ciúme: “minha ideia ao escrever este livro foi pôr em ação aquele pensamento de Shakespeare: *Our doubts are traitors, / And make us lose the good we oft might win, / By fearing to attempt*” (Assis, 1994, p. 1). No caso de *Memórias*, o primeiro nome evocado foi Stendhal. Roberto Schwarz define como característica da prosa stendhaliana a decomposição negativa do ideário conservador: “pensamos na maneira depreciativa pela qual Stendhal reduzia o discurso conservador a uma engenhoca previsível, que não merece o trabalho de uma exposição completa, donde os esplêndidos ‘etc. etc.’” (Schwarz, 2008, p. 106). No âmbito das *Memórias*, Machado faz uma operação similar ao reduzir o “humanitismo”, corrente filosófica apresentada como uma síntese

das novas tendências europeias, a uma briga de cães assistida por Brás Cubas e Quincas Borba. Machado lança mão de um recurso típico de Stendhal, mas transforma-o a partir de sua originalidade. Esse movimento é descrito por Candido como afixação das técnicas literárias transplantadas.

A FIGURA DO HERDEIRO EM MACHADO DE ASSIS: A DESFAÇATEZ DE CLASSE

O prestígio pessoal e os privilégios hereditários são marcas da estruturação social das nações ibéricas, estendendo-se por consequência ao Brasil (Holanda, 1995). Nos romances machadianos, tem-se o escrutínio das relações estabelecidas entre os herdeiros e membros da mesma classe social e a objetificação das pessoas pertencentes às classes inferiores.

Os personagens Dr. Félix e Brás Cubas pertencem a uma classe social abastada, não por mérito próprio ou fruto de pesado labor, pois ambos são herdeiros. Não por coincidência, ainda que os romances difiram em temática, foco narrativo e composição, o destino dos personagens é semelhante: figuras conhecidas na cena carioca, se envolveram com algumas mulheres, mas envelheceram sozinhos e não tiveram filhos. O primeiro chegou a exercer a profissão de médico, contudo ao receber a herança, decidiu levar a vida de forma plácida. O narrador apresenta Félix como um *bon vivant*, alguém sem maiores pretensões: “Félix entrava então nos seus trinta e seis anos, idade em que muitos já são pais de família, e alguns homens de Estado. Aquele era apenas um rapaz vadio e desambicioso. A sua vida tinha sido uma singular mistura de elegia e melodrama” (Assis, 1994, p. 1). O título de bacharel para o personagem se configurava meramente como um símbolo de distinção social. Sérgio Buarque de Holanda explica que o título [de bacharel] e o anel ratificavam o pertencimento à uma classe considerada distinta, dos nobres e livres, em oposição à classe do trabalho braçal, mecânico, que foi executado por um longo período da história brasileira pelos escravos (Holanda,

1995). Brás Cubas, por sua vez, a exemplo de outros jovens da elite brasileira, graduou-se em Coimbra, mas sem se dedicar efetivamente: “a Universidade esperava-me com as suas matérias árduas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel” (Assis, 1994, p. 31). Na sequência do capítulo, de forma espirituosa, o narrador atesta que o exercício de uma profissão não fazia parte de seus planos, e sim, o reconhecimento e prestígio social: “guardei-o, deixei as margens do Mondego, e vim por ali fora assaz desconsolado, mas sentindo já uns ímpetos, uma curiosidade, um desejo de acotovelar os outros, de influir, de gozar, de viver, — de prolongar a Universidade pela vida adiante [...]” (Assis, 1994, p. 31). Ao longo da narrativa, Brás Cubas se engaja em alguns ofícios a título de *hobbies*, afirma ter ideias mirabolantes como o Emplastro, filia-se a Ordem Terceira, entre outras: todas atividades volúveis, tal qual o próprio narrador.

E vede agora a minha modéstia; filiei-me na Ordem Terceira de ***, exerci ali alguns cargos, foi essa a fase mais brilhante da minha vida. Não obstante, calo-me, não digo nada, não conto os meus serviços, o que fiz aos pobres e aos enfermos, nem as recompensas que recebi, nada, não digo absolutamente nada (Assis, 1994, p. 138).

Em *Ressurreição*, por ser realizado um recorte da vida do protagonista, não é possível conhecer outros aspectos da personalidade de Dr. Félix senão aqueles que envolvem as relações afetivas, o relacionamento com Lívia e a disputa com os rivais. Por meio do relato de Brás Cubas, ao contrário, o leitor tem acesso a episódios de todas as fases da sua vida, incluindo-se as relações familiares e os preconceitos perpetuados. Na citação anterior, o narrador afirma ter prestado serviços aos pobres e enfermos. Nesse trecho, observa-se que a ideia de caridade não é nova no Brasil. O professor Frederico de Castro Neves afirma que essa se constituiu “como elemento organizador da relação com os pobres e legitimador da ordem social que naturalizava a pobreza” (Neves, 2014, p. 118). O argumento ganha força no exame das relações tecidas entre Brás Cubas e os escravos e pobres livres. O narrador-perso-

nagem que afirma ter cuidado de pobres e enfermos, destratava sempre quando possível aqueles que considerava inferiores.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, dei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!” (Assis, 1994, p. 15).

O narrador relata os episódios acima de forma cândida, um exercício consciente de naturalização da violência e desumanização de pessoas negras. A justificativa para tais atos consiste em transformá-los em meras “peraltices” do “menino diabo”. O pai do menino concorda com as atitudes, entendendo o filho como uma extensão de seu poder e de suas ações. O movimento do pai endossa concomitantemente a postura patriarcal de territorialização e posse através da violência e o subjugamento de classe, evidenciando a discrepância de poder entre senhor e escravo.

No primeiro romance, a situação dos escravos não é escrutinada. Nos capítulos em que eles aparecem, geralmente estes estão recebendo ordens dos senhores, às quais cumprem sem contestá-las. Ainda que não haja um desdobramento da temática, essas passagens evidenciam nitidamente a naturalização da opressão e estratificação social: “o tom decidido do rapaz abalou o escravo, cujo espírito, acostumado à obediência, não sabia quase distingui-la do dever” (Assis, 1994, p. 71). O filho da personagem Lívia, de apenas 05 anos, também menospreza as advertências de uma escrava: “— Ninguém, respondeu o menino, eu pedi a Clara para me deixar vir; ela não quis, mas eu vim. Não fiz bem, mamãe?” (*op. cit.*, p. 26).

Se nos dois romances é latente a forma como os personagens subjugam os pertencentes a classes sociais inferiores, a relação muda diametralmente no trato com seus pares. O narrador descreve o personagem Viana continuamente como um parasita. Este também possuía boas condições financeiras, embora se aproveitasse das oportunidades disponíveis para obter vantagem: “mas estes contrastes entre a fortuna e o caráter não são raros. Viana era um exemplo disso. Nasceu parasita como outros nascem anões. Era parasita por direito divino” (*op. cit.*, p. 4-5). As interações de Dr. Félix com o personagem evidenciam que o médico compartilha da visão do narrador. Todavia, o protagonista mesmo nos momentos de raiva, é solícito ao “parasita”, que responde à cordialidade evitando conflitos a fim de fechar o casamento de sua irmã Lívia com o médico.

O parasita, que parecia empenhado em preparar uma aliança de família com o médico, dispôs-se a não ser cruel para os dois namorados; fechou os olhos, cerrou os ouvidos, e, se em todo o caso foi importuno, não o deveu à vontade, mas à situação, porque em tais circunstâncias nem todo o engenho de Voltaire pode fazer um homem interessante (*op. cit.*, p. 27).

Nas *Memórias*, Brás Cubas mostra-se indiferente à violência contra os escravos, ao destino de Dona Plácida e a qualquer outro personagem de origem pobre. Em relação ao cunhado, pertencente à mesma classe social, Brás Cubas comporta-se de maneira distinta. Mesmo ao revelar a violência e sadismo de Cotrim com os escravos, não há, porém, um tom crítico em relação às atitudes, mas sim, um empenho em normalizá-las. Nas palavras de Schwarz, há um esforço em transformar em “modelo de virtudes um compêndio dos males do tempo” (Schwarz, 2008, p. 75).

As observações de Brás Cubas sobre o cunhado e o prestígio social que adquirira com o perverso ofício de vender escravos revelam a magnitude de Machado de Assis ao evidenciar que para a sociedade brasileira do século XIX, a posição social e o capital tinham maior relevância do que as práticas exercidas para se adquirir o status. Trata-se portanto de “o fim justificar os meios” à

experiência brasileira. Ademais, torna-se evidente o descompasso entre as ideias liberais apregoadas nos pequenos círculos intelectuais e a realidade arcaica e perversa, pautada na desumanização de escravos e pessoas livres de baixa renda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero romanesco demorou a se consolidar no continente latino-americano devido sobretudo a “incivilidade”. A maioria da população era analfabeta e vivia em zonas rurais, o que dificultava duplamente a circulação de livros e a consolidação da cena intelectual. A consciência do atraso levou os escritores do continente - que além de artistas, eram também filósofos, pensavam a formação de seus países e atuavam geralmente como servidores públicos - a se voltarem à matéria nacional, constituindo-se um regionalismo. A afiação das técnicas literárias importadas junto à revisão da matéria nacional produziu posteriormente uma literatura com a marca nacional, que embora não necessariamente influenciasse os escritores europeus, não perdia em qualidade para o que era produzido fora.

A prosa machadiana voltada para o cenário urbano é um ponto fora da curva em relação ao super-regionalismo. Contudo, o escritor conseguiu extrair da matéria local as contradições da sociedade brasileira, pretensamente liberal, mas pautada na escravidão e estratificação social. Se na primeira fase, Machado de Assis buscou em determinada medida distanciar-se das temáticas sociais características do realismo para evitar ser associado ao movimento, quando o autor faz o movimento inverso e traz para as suas obras o cenário social à experiência brasileira, sua autenticidade e genialidade passam a ser reconhecidas. Machado não pretendia ser Stendhal, Sterne, Flaubert ou Zola. Seu estilo de narração volúvel articulou a matéria local e as correntes críticas universais, decompondo por meio da ironia e da galhofa discussões filosóficas pretensamente sofisticadas a cenas que beiram o ridículo. Nesse movimento, a prosa machadiana revelou aspectos

composicionais da estrutura brasileira. A escolha do herdeiro como protagonista em *Ressurreição* e posteriormente como narrador-personagem nas *Memórias* permite um exame interno das contradições da sociedade brasileira, tais como o apego aos títulos e símbolos distintivos, ainda que não reste nada além de um sobrenome; o desprezo aos pobres e escravos - esse último grupo visto de forma desumanizada e sua exploração é feita ao máximo como forma de manutenção da ordem social vigente; o herdeiro, figura por vezes decadente, que não se preocupa em aumentar o patrimônio, mas em ser visto e garantir seus privilégios hereditários.

Cada novo estudo sobre a Machado de Assis revela um aspecto diferente da sociedade brasileira, que nos ajuda a entender a formação do Brasil e o ponto em que nos encontramos contemporaneamente. Por essa razão, a obra do Bruxo continua atual e necessária para que entendamos a experiência Brasil.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In. *Obra Completa*, Machado de Assis. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

_____. *Ressurreição*. In. *Obra Completa*, Machado de Assis. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Esquema Machado de Assis*. In: *Vários Escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989

CEI, Vitor. *As dúvidas póstumas de Félix: ciúme, ressentimento e ascetismo em Ressurreição, de Machado de Assis*. *O Eixo e A Roda* (UFMG), v. 26, p. 159-175, 2017

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

OTSUKA, Edu Teruki. Lukács: realismo, experiência periférica (anotações de leitura). *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Brasil, v. 15, n. 13, p. 36-45, 2010

NEVES, Frederico de Castro. Caridade e controle social na Primeira República (Fortaleza, 1915). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 53, p. 115-133, jan./jun. 2014.

RAMA, Ángel. Dez problemas para o romancista latino-americano. In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (org.). *Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2007.

SCHWARZ, Roberto. *Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Editora 34, 2008.